

Bibliografia

1. ALCUDIA, Rosa (et al.). *Atenção à diversidade*. Col. Inovação Pedagógica. Porto Alegre: ArtMed, 2002.
2. ALVES, Nilda (apres.). *O cotidiano do livro didático*. Cadernos CEDES nº18. São Paulo: Cortez, 1987.
3. ALVES, Nilda. Diversidade e currículo: questão ou solução? In: _____ & VILLARDI, Raquel (orgs.). *Múltiplas leituras da nova LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional (lei 9394/96)*. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1997a. p. 1-16.
4. ANDRÉ, Marli E. D. & DARSIE, Marta M. P. O diário reflexivo, avaliação e investigação didática. *Ensaio*, Rio de Janeiro, vol. 6 , nº 21, out./dez. 1998.
5. ANDRÉ, Marli E. D. A. Cotidiano escolar e práticas sócio-pedagógicas. *Em Aberto*, Brasília, ano 11, nº 53, jan./mar. 1992.
6. ANPED. Parecer da ANPEd sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais. *Revista Brasileira de Educação*, 1996, 2, 85-92.
7. APPLE, Michael. A reconstrução cotidiana da cultura. (Entrevista concedida à Regina Leite Garcia) *Revista Presença Pedagógica*, 1996, 11, 5-18.
8. APPLE, Michael. *Ideologia e currículo*. São Paulo: Brasiliense; 1982.
9. BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6ª ed., São Paulo: Hucitec; 1992.
10. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; vol.1)
11. BARREIROS, Cláudia. Dialogando com Peter McLaren: em busca de uma prática pedagógica multicultural e crítica In: CANDAU, Vera Maria (org.). *Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005; pp. 95-114.
12. BARREIROS, Cláudia H. Da didática fundamental à didática intercultural: percursos de uma pesquisadora do campo. Curitiba: *XII Endipe*, 2004a.
13. BARREIROS, Cláudia. *Por uma prática pedagógica crítica e multiculturalmente orientada – pistas na obra de Peter McLaren*. Rio de Janeiro, Brasil: VI Colóquio sobre questões curriculares (II Colóquio Luso-Brasileiro), 2004b. 18 pp.
14. BARREIROS, Cláudia H. Ação pedagógica em contextos multiculturais: agir na urgência e decidir com o “habitus”? Rio de Janeiro: *VI Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste (ANPED-SE)*, 2004c. 8 pp.
15. BARREIROS, Cláudia H. “Multiculturalismo crítico” – desigualdade e diversidade numa obra de Peter McLaren. Braga, Portugal: *V Colóquio sobre questões curriculares (I Colóquio Luso-Brasileiro)*, 2003. 11 pp.

16. BARREIROS, Cláudia H. Narrativa e formação de educadores/as. In: *13º Congresso de Leitura do Brasil, 2001, Campinas. Com todas as Letras para todos os Nomes*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil, 2002a. 14pp.
17. BARREIROS, Cláudia H. Cadernos de narrativas: linguagem, narração e experiência na formação de educadores/as? In: *25ª Reunião Anual da ANPEd, 2202, Caxambu, MG, 2002b*. 7pp.
18. BARREIROS, Cláudia H. *Pluralidade cultural como campo de tensões: o que revelam os PCN? Goiânia: XI Endipe, 2002c*.
19. BARREIROS, Cláudia H. *Alfabetização e poder: um estudo de livros didáticos usados na formação do/a professor/a alfabetizador/a*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, UERJ, 1997.
20. BERGER & LUCKMANN. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes; 1985.
21. BRANDÃO, Zaia; BAETA, Anna M^a B. & ROCHA, Any Dutra C. da. *A escola em questão; evasão e repetência no Brasil*. Rio de Janeiro: Dois Pontos; 1982.
22. BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo In: *O poder simbólico*. 3 ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2000.
23. BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1999.
24. BOURDIEU, Pierre. “Fieldwork in philosophy” In: *Coisas Ditas*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1990; p.15-47.
25. BOURDIEU, Pierre. Compreender. In: _____ (et al.) *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997; pp. 693-713.
26. CANCLINI, Néstor García. *Cultura y comunicación: entre lo global y lo local*. La Plata: Ediciones de Periodismo y Comunicación; 1997.
27. CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para Entrar e Sair da modernidade*. São Paulo: Editora da USP; 1998.
28. CANDAU, Vera Maria (org.). *A didática em questão*. Rio de Janeiro: Vozes; 1983.
29. CANDAU, Vera Maria. Reformas educacionais hoje na América Latina In: MOREIRA, Antonio F. B. (org.). *Currículo: políticas e práticas*. Campinas, SP: Papyrus; 1999; p.29-42.
30. CANDAU, Vera Maria. Pluralismo cultural, cotidiano escolar e formação de professores. In: _____ (org.). *Magistério: construção cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes; 1997a (237-250).
31. CANDAU, Vera Maria. Universidade e formação de professores: que rumo tomar?. In: _____ (org.). *Magistério: construção cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997b (30-50).
32. CANDAU, Vera Maria. Formação continuada de professores: tendências atuais In: _____ (org.). *Magistério: construção cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes; 1997c (51-68).

33. CANDAU, Vera Maria. A didática hoje: uma agenda de trabalho *In: _____* (org.). *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP&A; 2000a (p. 149-160)
34. CANDAU, Vera Maria. Construir ecossistemas educativos – reinventar a escola *In: _____* (org.). *Reinventar a escola*. Petrópolis, RJ: Vozes; 2000b (11-16).
35. CANDAU, Vera Maria. Interculturalidade e educação escolar *In: _____* (org.). *Reinventar a escola*. Petrópolis, RJ: Vozes; 2000c (47-60).
36. CANDAU, Vera Maria. Cotidiano escolar e cultura(s): encontros e desencontros *In: _____* (org.). *Reinventar a escola*. Petrópolis, RJ: Vozes; 2000d (61-78).
37. CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, violência e cotidiano escolar *In: _____* (org.). *Reinventar a escola*. Petrópolis, RJ: Vozes; 2000e
38. CANDAU, Vera Maria (org.). *Cultura(s) e educação: entre o crítico e o pós-crítico*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
39. CANDAU, Vera Maria. Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): uma aproximação. *Educação e sociedade nº 79 – Dossiê Diferenças*. São Paulo: CEDES: 2002a; pp.125-161.
40. CANDAU, Vera Maria (org.). *Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas*. Petrópolis, RJ: Vozes; 2002b.
41. CANDAU, Vera Maria & LEITE, Miriam S. Diálogos entre diferença e educação. *Congresso Internacional Cotidiano – Diálogos sobre Diálogos*. Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, agosto de 2002.
42. CANEN, Ana. Formação de professores e diversidade cultural. *In: CANDAU, Vera Maria (org.). Magistério: construção cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes; 1997 (205-236).
43. CANEN, Ana & MOREIRA, Antonio F. B. *Multiculturalismo, currículo e formação docente*. 22ª Reunião Anual da ANPED, GT Currículo, 1999. (Texto de apoio ao minicurso).
44. CANEN, Ana. *Educação multicultural, identidade nacional e pluralidade cultural: tensões e implicações curriculares*. 21ª Reunião Anual da ANPED, GT Currículo, 1998.
45. CHARTIER, Anne-Marie. Leitura escolar: entre pedagogia e sociologia. *In: Revista Brasileira de Educação, nº 0*, São Paulo, set-dez 1995, p. 17-52.
46. CONNELL, R. W. Justiça, conhecimento e currículo na educação contemporânea *In: SILVA, Luiz Heron da & Azevedo, José Clóvis de. Reestruturação curricular*. Petrópolis, RJ: Vozes; 1995, p. 11-35.
47. COSTA, Dóris Anita Freire. *Fracasso escolar: diferença ou deficiência?* Ed. Kuarup, 1993.
48. CUNHA, Regina Céli. “Tudo o que é sólido se desmancha no ar”: a concepção tradicional de currículo também? 21ª Reunião Anual da ANPED, GT Currículo, 1998.

49. CUNHA, Regina Céli. *A crise de legitimação da concepção crítica de currículo*. 20ª Reunião Anual da ANPEd, GT Currículo, 1997.
50. CURY, Carlos Roberto Jamil. Os Parâmetros Curriculares Nacionais e o ensino fundamental. *Revista Brasileira de Educação*, 1996, 2, 4-17.
51. D'AMBROSIO, Ubiratan. Globalização, multiculturalismo e etnomatemática In: ____ *Educação matemática da teoria à prática*. São Paulo: Papyrus; 1996 (109-121).
52. DA SILVA, Luiz Heron & AZEVEDO, José Clóvis de (orgs.). *Reestruturação curricular: teoria e prática no cotidiano da escola*. Petrópolis, RJ: Vozes; 1995.
53. DA SILVA, Luiz Heron (org.). *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis, RJ: Vozes; 1998.
54. DA SILVA, Luiz Heron (org.). *Escola cidadã: teoria e prática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
55. DA SILVA, Luiz Heron, AZEVEDO, José Clóvis de & SANTOS, Edmilson S. (orgs.). *Identidade social e a construção do conhecimento*. Porto Alegre: Ed. Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1997.
56. DA SILVA, Tomaz T. & GENTILI, Pablo (orgs.). *Escola S.A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo*. Brasília: CNTE, 1996.
57. DA SILVA, Tomaz T. (org.). *Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
58. DA SILVA, Tomaz T. (org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
59. DA SILVA, Tomaz T. *Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
60. DA SILVA, Tomaz T. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
61. DA SILVA, Tomaz T. *Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
62. DA SILVA, Tomaz T. A produção social da identidade e da diferença In: ____ (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. (p. 73-102)
63. DUSSEL, Inés; TIRAMONTI, Guillermina & BIRGIN, Alejandra. Hacia una nueva cartografía de la reforma curricular. Reflexiones a partir de la descentralización educativa argentina. Barcelona: *Revista de Estudios del Currículum*. Vol. 1, n. 2, 1998, p. 132-161.
64. FARIA, Ana Lúcia G. de. *Ideologia no livro didático*. 11ª ed. Col. Questões da nossa época. São Paulo: Cortez, 1994.

65. FERREIRO, Emília (org.). *Os filhos do analfabetismo: proposta para a alfabetização escolar na América Latina*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
66. FERREIRO, Emília. *Com todas as letras*. 4ª ed., São Paulo; Ed. Cortez, 1993.
67. FORTES, Mª de Fátima Ansaloni. *A escola plural: uma nova concepção do processo ensino-aprendizagem*. Revista Presença Pedagógica, 1997, 13, 17-30.
68. FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. Col. Questões da nossa época. 29ª ed., São Paulo, Ed. Cortez, 1994.
69. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. Col. Leitura. 7ª ed., São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1998.
70. FREITAG, Bárbara et alii. *O livro didático em questão*. 2ª ed., São Paulo; Ed. Cortez, 1993.
71. FRIGOTTO, Gaudêncio. *A produtividade da escola improdutiva*. São Paulo, Ed. Cortez, 1985.
72. FORQUIN, Jean-Claude. *Le curriculum entre le relativisme et l'universalisme*. Mimeo, palestra proferida na UFRJ, 1997.
73. GABRIEL, Carmen Teresa. *Escola e cultura: uma articulação inevitável e conflituosa* In: CANDAU, Vera Maria (org.). *Reinventar a escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000 (17-46).
74. GECEC. *Ressignificando a didática na perspectiva multi/intercultural – Relatório de pesquisa – A experiência em um curso de graduação*. PUC-Rio; fevereiro de 2006.
75. GECEC. *Universidade, Diversidade Cultural e Formação de Professores – Relatório de pesquisa*. PUC-Rio; 2003.
76. GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, s/d.
77. GERALDI, João Wanderley (org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 2ª ed., São Paulo: Cascavel, ASSOESTE, 1984.
78. GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. 2ª ed., São Paulo; Livraria Martins Fontes Editora, 1993.
79. GNERRE, M. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo; Livraria Martins Fontes Editora, 1987.
80. HALL, Stuart. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo* In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 22, n.2, p.15-44, 1997.
81. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
82. HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade?* In: DA SILVA, Tomaz T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. (p. 103-133)

83. HARGREAVES, Andy. *Os professores em tempos de mudança: o trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna*. Lisboa, Portugal: McGraw-Hill, 1998.
84. JACQUES, Paola B. Cartografias da Maré. In: _____, VARELLA, Drauzio & BERTAZZO, Ivaldo. *Maré, vida na favela*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002; pp. 13-65.
85. JOBIM e SOUZA, Solange. *Infância e linguagem: Vygotsky e Benjamin*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
86. JOSSO, Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação In: NÓVOA, António & FINGER, Mathias (orgs.). *O método autobiográfico e a formação*. Lisboa: Pentaedro e Artes Gráficas Ltda, 1988.
87. KOTRE, John. O sistema da memória autobiográfica In: *Luvas brancas*. 2ª ed., São Paulo: Mandarim, 1997; p. 91-124.
88. KRAMER, Sonia & JOBIM E SOUZA, Solange (orgs.). *Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação*. São Paulo: Ática, 1996.
89. KRAMER, Sonia. A formação do professor como leitor e construtor do saber In: MOREIRA, A. Flávio (org.) *Conhecimento educacional e formação do professor*. Campinas, São Paulo; Ed. Papyrus, 1994; p. 101-126.
90. KRAMER, Sonia. *A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce*. 5ª ed. São Paulo; Ed. Cortez, 1995 [1982].
91. KRAMER, Sonia. *Por entre as pedras: Arma e sonho na escola*. 2ª ed. São Paulo; Ed. Ática, 1994.
92. KRAMER, Sonia. Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano XVIII, nº 60: 15-35, dez. 97.
93. LELIS, Isabel Alice. A formação do professor para a escola básica: tendências e perspectivas. In: ALVES, Nilda (apres.) *O profissional do ensino – debates sobre sua formação*. Cadernos CEDES nº17. São Paulo; Ed. Cortez, 1986; p. 27-36.
94. LELIS, Isabel Alice. *A formação da professora primária: da denúncia ao anúncio*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1989.
95. LELIS, Isabel Alice. Magistério primário: tempos e espaços de formação. In: CANDAU, Vera Maria. (org.). *Magistério: construção cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997a (126-149).
96. LELIS, Isabel Alice. Modos de trabalhar de professoras: expressão de estilos de vida? In: CANDAU, Vera Maria. (org.). *Magistério: construção cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997b (150-159).

97. LELIS, Isabel Alice. Formação e trajetória de Magistério: notas sobre um processo de pesquisa In: KRAMER, Sonia & FRANCO, Creso (orgs.) *Pesquisa e educação: história, escola e formação de professores*. Coleção da Escola de Professores. Rio de Janeiro: Ravil, 1997c (199-211)
98. LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. Currículo, conhecimento e cultura: construindo tessituras plurais In: CHASSOT, Attico & OLIVEIRA, Renato José de (orgs.) *Ciência, ética e cultura na educação*. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 1998 (p. 31-47)
99. LOPES, Alice Ribeiro Casimiro & MACEDO, Elizabeth Fernandes de. *Das ciências naturais às ciências sociais: o currículo segundo William Doll*. 21ª Reunião Anual da ANPEd, GT Currículo, 1998.
100. LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. *Conhecimento escolar: ciência e cotidiano*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.
101. LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. *Conhecimento escolar: processos de seleção cultural e mediação*. Revista Educação & Realidade, 1997, v. 22, n. 1, 95-112.
102. LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. *Pluralismo cultural e políticas de currículo nacional: análise preliminar do tema transversal Pluralismo Cultural dos PCN*. 20ª Reunião Anual da ANPEd, GT Currículo, 1997.
103. LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. Organização do conhecimento escolar: analisando a disciplinaridade e a integração In: CANDAU, Vera (org.). *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e no aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000 (p. 147-164)
104. MACEDO, Donald. Alfabetização, linguagem e ideologia. *Educação & Sociedade – Dossiê “Políticas curriculares e decisões epistemológicas”*. Ano XXI, dez. 2000, nº 73; pp. 84-99.
105. MACEDO, Elizabeth. O que significa currículo disciplinar? In: CANDAU, Vera (org.). *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e no aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000 (p. 181-188)
106. MCLAREN, Peter & FARAHMANDPUR, Ramin. *Pedagogia revolucionária na globalização*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. 120pp.
107. MCLAREN, Peter. Fúria e Esperança: a pedagogia revolucionária de Peter McLaren (entrevista a Mitja Sardoc). In: *Currículo sem fronteiras*, v. 1, n. 2, pp. 171-188, jul/dez 2001a.
108. MCLAREN, Peter. *A pedagogia da Utopia. Conferências na UNISC*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001b. 80 pp.
109. MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000a. 304 pp.
110. MCLAREN, Peter. Globalização e exclusão na escola. (entrevista) *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro: 17 de setembro de 2000b. Caderno Educação & Emprego, pp. 1-2)

111. MCLAREN, Peter. *Utopias provisórias: as pedagogias críticas num cenário pós-colonial*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 243 pp.
112. MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1997a. 239 pp.
113. MCLAREN, Peter. *A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997b. 354 pp.
114. MCLAREN, Peter. *Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. 398 pp.
115. MOREIRA, Antonio F. B. & DA SILVA, Tomaz T. (orgs.). *Territórios contestados*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
116. MOREIRA, Antonio F. B. (org.). *Conhecimento educacional e formação do professor*. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
117. MOREIRA, Antonio F. B. As contribuições e impasses da teoria curricular crítica In: CHASSOT, Attico & OLIVEIRA, Renato José de (orgs.) *Ciência, ética e cultura na educação*. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 1998 (p. 53-71)
118. MOREIRA, Antonio F. B. Multiculturalismo, currículo e formação de professores In:___ (org.) *Currículo: políticas e práticas*. Campinas, SP: Papyrus; 1999 (81-96).
119. MOREIRA, Antonio F. B. Desafios contemporâneos no campo da educação: a questão das identidades. In: _____ & PACHECO, J. A. (orgs.) *Globalização e Educação: desafios para políticas e práticas*. Porto, PT: Porto Editora, 2006; pp. 11-29.
120. MOREIRA, Antonio F. B. (org.). *Currículo: políticas e práticas*. Campinas, SP: Papyrus, 1999.
121. MOREIRA, Antonio F. B. (org.). *Currículo: questões atuais*. Campinas, SP: Papyrus, 1997a.
122. MOREIRA, Antonio F. B. *Currículos e programas no Brasil*. Campinas, SP: Papyrus, 1990.
123. MOREIRA, Antonio F. B. *Didática e currículo: questionando fronteiras*. Revista Educação & Realidade, 1998, v. 23, n. 2, 11-26.
124. MOREIRA, Antonio F. B. A psicologia... e o resto: o currículo segundo César Coll. *Cadernos de Pesquisa*, n. 100, março de 1997, p. 93-107.
125. MOREIRA, Antonio F. B. O campo do currículo no Brasil: os anos noventa In: CANDAU, Vera (org.). *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000 (p. 60-77)
126. NÓVOA, António (coord.). *Os professores e sua formação*. 2ª ed.,: Publicações Dom Quixote, 1997.
127. NÓVOA, António (org.). *Profissão professor*. 2ª ed., Porto: Porto Editora, 1995a.

128. NÓVOA, António (org.). *Vidas de professores*. 2ª ed., Porto: Porto Editora, 1995b.
129. OLIVEIRA, Mª Rita N. S. (org.) *Confluências e divergências entre didática e currículo*. 2 ed.; São Paulo: Papirus, 1998.
130. OLIVEIRA, Inês Barbosa de. *Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
131. PATTO, Mª Helena Souza. *A criança da escola pública: deficiente, diferente ou mal trabalhada?* Ciclo Básico, São Paulo; SE/CENP, 1987 [1985]. (mimeo)
132. PATTO, Mª Helena Souza. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1990.
133. PÉREZ GÓMEZ, A. I. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Porto Alegre: ArtMed, 2001.
134. PERRENOUD, Philippe. *Os ciclos de aprendizagem: um caminho para combater o fracasso escolar*. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
135. PERRENOUD, Philippe. O trabalho sobre o *habitus* na formação de professores: análise das práticas e tomada de consciência In: _____ et alli (orgs.) *Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?* 2ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2001a; pp. 161-184.
136. PERRENOUD, Philippe. *Ensinar: agir na urgência, decidir na incerteza*. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2001b.
137. PERRENOUD, Philippe. *A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso*. Porto Alegre: ArtMed, 2001c.
138. PERRENOUD, Philippe. *Pedagogia diferenciada: das intenções à ação*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
139. PERRENOUD, Philippe. Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica. In: *Revista Brasileira de Educação*, nº 12, São Paulo, set-dez 1999a, pp. 5-19.
140. PERRENOUD, Philippe. *Avaliação: da excelência à regulação de aprendizagens – entre duas lógicas*. Porto Alegre: ArtMed, 1999b.
141. PERRENOUD, Philippe. *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação. Perspectivas sociológicas*. 2ed. Lisboa, Portugal: Dom Quixote, 1997.
142. PINTO, Louis. *Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
143. REGO, Maria Filomena. *O aprendizado da ordem: a ideologia nos textos escolares*. Rio de Janeiro; Ed. Achiamé, 1981.
144. SACRISTÁN, José Gimeno. A construção do discurso sobre a diversidade e suas práticas. In: ALCUDIA, Rosa (et al.). *Atenção à diversidade*. Col. Inovação Pedagógica. Porto Alegre: ArtMed, 2002.
145. SACRISTÁN, José Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3 ed.; Porto Alegre: ArtMed, 2000.

146. SACRISTÁN, José Gimeno. *Conhecimento crítico e felicidade*. (Entrevista concedida à Regina Leite Garcia) *Revista Presença Pedagógica*, 1997, 14, 5-12.
147. SANTOS, Lucíola P. & PARAÍSO, Marlucy A. *Currículo (dicionário crítico da educação)*. *Revista Presença Pedagógica*, 1996a, 7, 82-84.
148. SANTOS, Lucíola P. & PARAÍSO, Marlucy A. *O currículo como campo de luta*. *Revista Presença Pedagógica*, 1996b, 7, 33-40.
149. SANTOS, Lucíola P. *Currículo e diferenças culturais em tempo de globalização*. *Revista Presença Pedagógica*, 1996, 10, 17-24.
150. SANTOS, Lucíola P. *Educação básica: currículo e formação de professores*. *Revista Presença Pedagógica*, 1997, 17, 25-32.
151. SANTOS, Lucíola P. Pluralidade de saberes em processos educativos In: CANDAU, Vera (org.). *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000 (p. 46-59)
152. SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos In: NÓVOA, António (coord.) *Os professores e a sua formação*. 3 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997, pp. 77-91.
153. SOARES, Magda Becker. Letramento / Alfabetismo. *Dicionário Crítico da Educação. Revista Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, Ed. Dimensão. v. 2. nº.10. p. 83-89, jul./ago. 1996a.
154. SOARES, Magda Becker. Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas. *Revista Brasileira de Educação*, nº 0, São Paulo, set-dez 1995a, p. 5-16.
155. SOARES, Magda Becker. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 8ª ed., São Paulo, Ed. Ática, 1991.
156. SOARES, Magda Becker. Natureza interdisciplinar da leitura e suas implicações na metodologia do ensino. In: ABREU, Márcia. *Leitura no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º COLE*. Campinas, São Paulo; Ed. Mercado das Letras, 1995b, p. 87-98.
157. SOARES, Magda Becker. Um olhar sobre o livro didático. *Revista Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, Ed. Dimensão. v. 2. nº.12. p. 52-63, nov./dez. 1996b.
158. SOARES, Magda Becker. Avaliação educacional e clientela escolar. In: PATTO, Mª Helena Souza (org.). *Introdução à Psicologia escolar*. São Paulo” T.A Queiroz, 1991, pp. 47-53.
159. TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
160. TARDIF, Maurice & GAUTHIER, Clermont. O professor como “ator racional”: que racionalidade, que saber, que julgamento? In: PERRENOUD, Philippe et al (orgs.) *Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?* 2 ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2001; pp. 185-210.

161. TARDIF, Maurice. Os professores enquanto sujeitos do conhecimento: subjetividade, prática e saberes no magistério In: CANDAU, Vera (org.). *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000 (p. 112-128)
162. THOMPSON, P. A entrevista In: *A voz do passado - História oral*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998; p. 225-278.
163. TODOROV, T. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
164. VALENTE, Ana Lúcia. *A propósito dos parâmetros curriculares nacionais sobre a pluralidade cultural*. 21ª Reunião Anual da ANPEd, GT Currículo, 1998.
165. VARELLA, Drauzio; JACQUES, Paola B. & BERTAZZO, Ivaldo. *Maré, vida na favela*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
166. VARELLA, Drauzio. Falas da Maré. In: ____, JACQUES, Paola B. & BERTAZZO, Ivaldo. *Maré, vida na favela*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002; pp. 67-109.
167. VASCONCELLOS, Celso dos S. *Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico*. 10ª ed., São Paulo: Libertad, 2002.
168. VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Inovações e Projeto Político-Pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória. *Cadernos CEDES, Artes & manhas dos PPP*; v.23, n. 61, dez. 2003.
169. VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 5ª ed., São Paulo; Livraria Martins Fontes Editora, 1994.
170. VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. 2ª ed., São Paulo; Livraria Martins Fontes Editora, 1989.
171. WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
172. WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
173. WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual In: DA SILVA, Tomaz T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000; p. 7-72.

Apêndice I

Roteiro usado nas entrevistas

1) Fale um pouco de você:

Como tornou-se professora? O que a motivou?

Por que é professora dos anos iniciais? Pretende continuar atuando nesse segmento/ciclo? Até quando? Por quê?

Remeta-se ao início de seu trabalho como professora: Quais foram os maiores desafios que enfrentou? Como os enfrentou?

E hoje? Quais são os seus maiores desafios como professora? Como os tem enfrentado?

2) Meu tema de pesquisa é como as professoras dos anos iniciais do ensino fundamental lidam com as diferenças nas suas salas de aula. O que temos aprendido e construído enquanto “saberes” sobre como agir frente às diferenças. Daí vêm as perguntas que faço a seguir.

Você caracterizaria a sua turma como tendendo mais a ser homogênea ou heterogênea? Por quê?

Você identifica que aprendeu alguma coisa no Curso de Formação de Professores ou Curso Normal ou na Faculdade que tenha lhe ajudado a lidar com as diferenças que você encontra em sua sala de aula?

E com seus pares? Ou seja, com suas colegas de trabalho ao longo de sua trajetória profissional, o que você aprendeu? Você consegue identificar essas aprendizagens?

Como as diferenças lhe aparecem? Quer dizer: quais as diferenças entre seus/uas alunos/as que lhe chamam a atenção e interferem no seu trabalho?

Você diria que essas diferenças chegam a ajudar ou atrapalhar o seu trabalho? Algumas ajudam? Outras atrapalham?

Como você desenvolveu sua sensibilidade para a questão das diferenças? O que tem lhe ajudado nisso?

Existem diversas fases na ação docente, além de vários componentes. Em quais deles essas diferenças mais interferem? Em quais não chegam a interferir?
Você acha que o planejamento fica afetado pela sua percepção das diferenças?
E a questão da seleção de conteúdos?
As estratégias de ensino ficam alteradas?
E nos materiais didáticos?
O que muda na dinâmica da sala de aula?
E na disciplina?
O papel do/a professor/a muda de alguma forma?
E a relação professor/a-aluno/a?
Como fica a avaliação?
Você diria que muda mais alguma coisa?

Se você fosse estivesse em meu lugar ao observar a sua sala de aula, onde focalizaria mais o seu olhar?

Para os estudiosos/as do multiculturalismo na educação, uma tensão permanente nesse tema é como equilibrar duas perspectivas: igualdade e diferença. Ou seja, como lidar com as diferenças mantendo o ideal de igualdade de direitos. Como você diria que lida com isso em seu trabalho?

3) Todos/as nós temos preconceitos que construímos ao longo de nossas histórias de vida, concorda? Ninguém é imune a eles.
Como você se sente diante dessa questão?
Você já se viu de repente tendo uma atitude preconceituosa e se deu conta disso?
Qual? O que você sentiu, pensou, mudou depois disso?
Você acha que já superou esse preconceito ou ele reaparece de vez em quando?

4) Você gostaria de acrescentar alguma coisa?

Obrigada!

Apêndice II

Trechos selecionados do diário de campo

Trecho I da Primeira Reunião

Apresentação da pauta de hoje.

1º momento – pauta da reunião de pais

- com a direção
- com a professora da turma

2º momento – multiculturalismo

O que entendemos por cultura?

Apresentação da *colega ao lado* (que sou eu).

Centro de Estudos parciais e Centro de Estudos integrais.

Multiculturalismo é um dos projetos para permear o trabalho.

Quem sabe não há outros mais interessantes?

Muitas crianças angolanas. Caiuá - bandeira, hino trabalho com o globo.

Sugestão – bandeiras de outros países...

E a questão do local? A cultura local também.

Tem discussão teórica já sobre isso?

Para a próxima semana, a gente precisa de material para ler.

A ONG Nova América nos dá este material.

Coordenadora Pedagógica e Diretora participaram dos cursos.

Não só pelos angolanos, mas pela diversidade que temos em nossa cultura.

Dar conta de um projeto sem fundamentação é frustração. Como trabalhar isso.

Ex: com El podemos trabalhar com brincadeiras.

Iracema pontuou de forma velada. Multiculturalismo é legal, mas pode haver outros mais interessantes. Eu gostaria de trabalhar com a Olimpíada. Este ano tem eleição, tem a 1ª Olimpíada do novo milênio, ocorrendo no berço da civilização.

Multiculturalismo ficaria como pano de fundo.

Textos serão trazidos para o embasamento teórico.

A intenção com o multiculturalismo não é que ele seja um tema central.

A intenção é que a gente tenha consciência do nosso fazer.

Que comunidade eu tenho? Apesar da miscigenação da comunidade, a cultura não é tão diversa. Tem angolanos, mas não são maioria.

Precisamos de tempo.

A proposta da direção é de que, nos temas elencados pelo grupo, o tema do multiculturalismo não passe despercebido.

Não é legal quando vem de cima. Perguntamos, então, o que o grupo sugere?

O carnaval às portas. Os sambas trazem esta questão.

Ah! Então não é um projeto é uma preocupação para perpassar...

Tem muita criança que não aceita que é negra.

É interessante que cada série pense de que forma ela pode trabalhar com isso.

Você pode pegar um "Patinho Feio" que é uma história clássica e dependendo de como você trabalha você pode trazer esse olhar.

Às vezes, a criança diz que não se considera negra. Passa pela religião, pelo sincretismo.

Qual é o projeto? Olimpíadas? Eleições ou projeto de curta duração?

Uma constatação: enquanto escola pública, a gente inova muito pouco.

Se a gente usar o carnaval, tentar por grupos de série trabalhar as músicas, marchinhas.

Vamos cair no *de sempre*? Fechar os projetos em cima de datas?

Não estamos fechando nas datas e sim numa manifestação cultural.

Aí vai ser um projeto de curta duração.

De hoje até o carnaval, a gente tenta fazer aquilo que a gente pode e consegue e depois do carnaval no planejamento a gente articula com tempo.

O tema música seria bem amplo. O carnaval hoje é mais para turista.

O carnaval em suas manifestações nos diversos estados.

Os outros vêm e o carioca sai.

A questão do visto dos americanos, né? Ver como é que eles pensaram sobre isso. Então, até o carnaval, a gente trabalha com o carnaval.

A EI estaria trabalhando com o quê?

Música, ritmo, som, fantasias.

Que tal pegar aquela bandinha e botar o bloco na rua?

Por que a gente não fecha o dia 20 com um carnaval aqui com eles.

Eles vão adorar fazer um grito de carnaval no dia 20, para eles manifestarem sua alegria e viriam com fantasia.

Ou no dia 19?

Ir além do grito é mostrar o que fizeram.

Grito de carnaval mostrando tudo o que produzimos até lá, então?

Quem tá no período inicial? Como estaria fazendo? Que tipo de manifestação cultural?

Ranchos, mangueiras... Era samba no pé? Não, era nos carros.

Ver como se apropriariam disso as escola de samba. O carro alegórico. Os negros, os mestiços. Falo negros e penso nós!!

Tenho na sala o CD da Xuxa sobre o carnaval e vou trabalhar com eles...

Um estudo sobre a história do Brasil.

O livro: "Terra do contrário".

Não tem como dizer que você não trabalha com a diferença.

Anotar o que eles sabem de carnaval, tem que partir deles.

Eu sei é que eu trabalho a música "O abre alas" e o samba da Mangueira.

Alguém tem o CD das escolas de samba deste ano?

Baixa pela internet...

O do camelô não vem com a letra, não.

Ih! Eu só compro de camelô.

Não pode ser aquele que vai trabalhar com a camisinha!

Ah é! Se não já vai ouriçá-los.

Trecho I da Segunda Reunião – dinâmica igual e diferente

A segunda reunião pedagógica de que participei aconteceu na quinta-feira da semana do carnaval e foi iniciada com uma "dinâmica do barbante". A coordenadora pedagógica, professora Jaçanã, propôs que cada uma jogasse o rolo de barbante para uma colega, que, ao recebê-lo, deveria dizer algo que a aproximasse e algo que a diferenciasse do grupo.

É ela mesma quem começa e, após manifestar-se, joga o rolo e passa a tarefa para uma colega. Sigamos as respostas dadas.

- Ser profissional deste CIEP

- Timidez

- Gostar do que faz

- Ansiedade

- Alegria de estar junto

- Excesso de persistência

- Felicidade de estar aqui e, ao mesmo tempo, de não estar
- Tristeza escondida (ambas aproximam e afastam)

- Gostar do que faço
- Às vezes sou um pouco preguiçosa
(Diferente?! - Diz alguém. E ela: Vai me dizer que todo mundo é preguiçosa!?)

- Não me sinto à vontade para dizer das diferenças – somos todos diferentes
- O desejo de acertar é comum

- Diferente: moro em Bangu, por isso cheguei agora.
- Igual: seres humanos filhos de Deus

- Igual: sempre disposta a trabalhar com alegria
- Diferente: forma de manter a alegria

- Não sei no que sou diferente. Acho que sou meio atrapalhada, meio enrolada.
- Igual: vontade de acertar

- Igual: compromisso profissional
- Diferente: não me joga no chão quando sai tiroteio (risos)

- Diferente: estou ficando especialista em progressão e aceleração
- Igual: vontade de acertar
(Diferente: cada um tem o seu jeito, ninguém é igual)

- O que me assemelha é a perspectiva de melhora social, o compromisso político. Daí meu desejo de trabalhar no CIEP.
- O que me difere? (Alguém diz: É que você é uma Barbie africana – risos) Eu não sei bem, acho que porque estou procurando as semelhanças para me sentir bem no grupo.

- Igual: compromisso do nosso trabalho
- Diferente: sou o único cara aqui.

- Igual: família
- Diferente: sou a única que não consegue ficar o dia inteiro.

- Igual: força de vontade
- Diferente: sou muito brigona, eu me irrita muito fácil

- Igual: todos nós – Eu ia dizer todas, mas tem um homem. – somos pessoas de muita fé, cada um no seu credo.
- Diferente: eu me acho excêntrica, gosto de umas minhas assim.
É o meu jeito, é natural...
Eu acho que cada um nas suas diferenças, a gente se completa

- Igual: preocupação
- Diferente: estou aprendendo a ter autoridade sem ser autoritária

Trecho II da Segunda Reunião
Leitura do capítulo 1: “Nas teias da globalização: cultura e educação”

“Diretora Jaci - É cultura só na dança? E o modo como eu recebo as pessoas na minha casa? O que há por trás de cada questão cultural?

Jurema - Um dos maiores desafios é articular os dois movimentos. Mesmo que a criança chegue à escola, já tem uma formação via também meios de comunicação. Mas, ao mesmo tempo, questões voltadas a que comunidade é essa... Que ajude ela a ir além da Maré...

(Alguém diz que os alunos não sabem se orientar no interior da Maré.)

Outra professora – Trabalhar outra comunidade para que ele não pense só na sua, mas compare com outra.

Jurema - É minha formação sociológica. Preciso objetivar mais: o que em cada série?

Diretora - O currículo vai ser sempre o nosso grande desafio. A gente avançou muito em relação a projeto no ano passado.

A gente, se pegar os livros didáticos e ver como se trabalha identidade neles - a família...

Identidade se faz na relação. Eu sou o que você vê de mim e eu me vejo no que você é.

Exemplo família. Não é só o que eu digo. O modelo mais banal está se construindo na realidade.

De onde você veio? Qual a escola? Quem era a professora?

Coordenadora Pedagógica – Na EI, ele ainda não construiu sua relação com esse espaço. Muitos dos nossos alunos saqueiam nossa escola. Eles não se sentem parte.

(Conta o caso da ida à ALERJ. Na chegada de um ônibus, alguém do PEJ pergunta: eles são de que comando?)

Somos cidadãos cariocas, do Brasil, do mundo!

...

Ficar atento ao trabalhar estes matizes.

lara – é uma postura do professor ao lidar com os assuntos.

Coordenadora Pedagógica – Idéia de família – No livro está daquele jeito. Mas será que a minha família é assim?

Diretora – 1º segmento centra o currículo nas atividades. Por exemplo: Dia do trabalho – quantos dos nossos pais estão desempregados? Eles pesquisam isso e numa roda de conversa a gente discute isso. Não é globalização que a gente está discutindo?

Jurema – O que trabalhar na segunda-feira? Essa é a nossa angústia.

Não tem como falar de multiculturalismo sem falar de identidade.

...

Trabalhar a cultura da paz na escola é fundamental. Como vou trabalhar multiculturalismo dentro de uma comunidade fracionada, com um aluno no primeiro dia de aula ameaçando o outro de denunciá-lo como “estrangeiro” .

Com os pequeninhos, trabalho historinhas infantis como “O Patinho Feio”, “O Corvo e o Cisne”...

Coordenadora Pedagógica – Conta (mas eu não entendi) de uma professora da EI que trabalhou a pintura do corpo no dia do Índio de outra forma.

Jacumã – Professora precisa ter sensibilidade para as questões da turma. A minha 4ª série clama por justiça. A dela traz a questão da paz, que também é muito importante, mas a da minha é outra.

Diretora – Perceber que na história do Brasil sempre houve muitas tribos indígenas, muitas tribos de negros... A questão do comando de alguma forma

constitui a identidade deles sim, mas ... O grande pecado da escola é tratar a todos como se fossem iguais.

Juraci – Somos uma pluralidade na unicidade. A gente não pode ter a pretensão de fazer a melhor escolha. É uma escolha.

Jurema – Eu me preocupo que a gente não se comprometa em ter a pretensão de fazer a melhor opção...

Diretora – Em estados pequenos, essas coisas são mais bem organizadas. No Espírito Santo, em Cachoeiros do Itapemirim, está-se hoje discutindo a identidade da cidade. Lá, eles fiscalizam mesmo para que não haja o estereotipado nem no livro didático, nem na xerox, nem no mimeógrafo.”

Trecho III da Segunda Reunião

Leitura do cap. 2: “Cidadania e pluralidade cultural: questões emergentes”

Identidade

Iracema – Trabalhar identidade no período inicial é trabalhar com o que eles pensam deles. Isso é pessoal, é singular.

Jurema – Essa identidade que é também grupal.

Coordenadora Pedagógica – O respeito ao outro que é diferente.

Diretora – Busca a outros profissionais. Psicólogo, por exemplo.

Juraci – A subjetividade é algo que... (psicóloga)

Diretora – Trabalhar a árvore genealógica.

Burburinho – “Isso não vai dar certo, vai dar uma floresta.”

Outra professora – Pais não sabem os nomes completos dos filhos, quando nasceram, nem quem é o pai.

Outra professora – Isso quando não tiram o nome do “desgraçado” porque não está dando pensão.

Recomeça a leitura...

Esbarra na “leitura” do nome Candau.

Brincadeiras em torno: é francês, espanhol, catalão?

Diretora – A gente trabalha também com identidade, mas nosso aluno não se identifica com esse espaço. Onde é que a gente está falhando?

É correto afirmar que temos identidades plurais?

Jurema – Segundo Hall, sim. Ela é múltipla, inacabada.

Ser autoridade, sem ser autoritária, quer dizer, a gente está sendo.

Juraci – Sua essência é uma, mas você se comporta diferentemente em cada momento.

Discute-se papel social.

Citam-se Lacan e Guidens.

Jurema – A identidade é sempre múltipla.

Jacumã – Uma pessoa que não seja mãe não pode ter atitudes de mãe? Então não é só social?

Juraci – E o que é atitude de mãe?

Minha identidade é minha essência.

Jurema – Nem os teóricos do século XIX deram conta disso...

Retorno à leitura....

Couche parece esclarecer...

Iara – Deixa eu definir: então, nem mesmo nós sabemos quem nós somos.

Juraci – É como quando a gente diz. “Como é que eu fiz isso?”. Fiz naquela circunstância.

Sem cerveja? (risos)

Na leitura...

Jacumã – Faltou o funk...

Jurema – Existem esses dois Brasis. Esse...

Iracema – Não é a melhor imagem, mas várias imagens.

Diretora – Simpatia – malandragem.

Jurema – Meu trabalho na universidade trabalha com essa tese aqui de Marx que ela não menciona o autor.

Quando a gente chama um pai para falar sobre o filho, ele chega mostrando qual a origem dos problemas que a gente está vivendo.

Como a gente pode explorar a adversidade.

Diretora – Até o problema da árvore genealógica. Muitos de nós mal vão lembrar de seus bisavôs ou mesmo avôs, mas na Europa é muito comum.

Que elementos da nossa cultura precisam ser revisados?

Não se julga uma cultura, essa é boa e essa é ruim.

Conta o caso da criança que, no primeiro dia de aula, pegou uma folha de caderno, defecou nela, embrulhou e jogou na lata de lixo, e o impacto que causou na turma.

Trecho IV da Segunda Reunião
Leitura do cap. 2: “Cidadania e pluralidade cultural: questões
emergentes”
Cotas raciais

Coordenadora Pedagógica comenta sem se posicionar sobre a questão das cotas raciais na universidade, e pergunta quem quer comentar.

Iracema – Para entender, tem que conhecer toda uma história de exclusão. Quem chegava lá na universidade era quem tinha talento e não como um direito.

Iara – Um professor negro me falou que a universidade no Brasil passou a eqüivaler ao 2º grau lá fora. A universidade passa a não ser mais só para quem tem aptidão acadêmica.

Iracema – Eu acho que cota não devia existir.

Jacumã – Devia existir é uma escola de boa qualidade para todos.

Outra professora – É um carimbo marcando a questão racial.

Iracema – Eu penso em não-cota numa sociedade democrática, mas nessa aqui...

A Coordenadora Pedagógica mostra dificuldades em se posicionar: “Não sei se é a minha posição, mas são os argumentos.”

Diretora – O que eles colocam é o seguinte: os movimentos ficavam incipientes porque quem comanda são as pessoas de nível superior.

A universidade é o espaço da transformação.

Uma pessoa que trabalha na UERJ com acompanhamento psicológico dos negros que entraram por cota...

Jacumã – No Brasil, a gente não pensa ao longo prazo, a cota é por pouco tempo. Mas e o resto que tem que ser feito?

Iracema – Cota tem que ser de 100%.

Outra professora – A cota é uma medida perversa.

(vários) Discriminação ao contrário?

Iracema – Eu e Araci morando no mesmo bairro somos tratadas do mesmo jeito?

Diretora – Então, são as diferenças. Pelé, por exemplo.

Iracema – Pelé é branco! Ele é louro! Ele não sabe que é negro! A mulher dele é branca! E ele renega a filha negra!

Diretora – Errei no exemplo. Mas tudo é uma questão de postura. Mulher no volante hoje é uma conquista, quando até homens se sentem mais seguros quando isso acontece.

Iracema – Exemplo vivido por mim e pela Janaína no outro dia. Eu fui com ela na faculdade dela e o guarda perguntou: “Vocês vão aonde?” Perguntei para mim: será que ele faria isso se fosse só ela? Ou se eu tivesse outras características?

Diretora – Ah! Aí é preconceito mesmo?

Iracema – É mesmo e eu não chego ali sem uma história sem todas as outras vezes em que fui barrada.

Diretora – Postura defensiva.

Preconceito é uma questão de postura. Então, eu afirmo minha raça. Eu sempre ponho o racismo como última opção.

Iara – Essa discussão me fez repensar algumas coisas. Todo mundo sabe que precisa melhorar o ensino público, mas ninguém se importa, então, a cota cria a situação que faz discutir e todo mundo se preocupa com o 2º grau.

Diretora – Há também as cotas voltando-se para a escola pública.

Outra professora – Porta dos fundos.

Iara – Não é porta dos fundos não, porque presta vestibular.

Se o cara diz pra mim que o pai gastou 600 por mês com cursinho e o negro que entrou, eu digo: bem feito, mané!

Risos

A terceira reunião – planejamento

Dando notícias à equipe:

Identidade eu

Eu, outro, valores, responsabilidade, cidadania, direitos, deveres e formação do povo brasileiro (culinária, alimentação, enfoque histórico e cultural, sem grandes aprofundamentos).

Em identidade, a formação do povo aparece no eu e depois no eu e o outro.

Jurema – questionamento ao não aprofundamento. Às vezes me vem a impressão nas séries mais altas de que as crianças viram muita coisa, mas não sedimentaram nada.

Diretora – O que seria este aprofundamento? Não aprofundar é não explorar aspectos que extrapolam a capacidade de compreensão da criança.

Jurema – Como dar conta de rever o planejamento sem ter que mudá-lo todo de um ano a outro? A criança chega e diz “eu já vi antes”.

Diretora – Há temas que não se esgotam, que continuam tendo que retornar, outros são mais específicos e limitados.

Diretora – Sobre alimentação – neste ano, o cardápio da merenda está mudando. Não é vender o cardápio, mas é dar a conhecer.

Outra Professora sugere que a diretora trate isso com os pais na semana da escola.

O tema mostra-se polêmico: há professoras que obrigam as crianças a comerem feijão e outras que não...

Muito debate...

Identidade – 1º semestre

Quando se aproximar a Olimpíada, o grupo pretende abordá-la.

Volta à merenda – alimentação. Vender o cardápio? Não, mas que é nutritivo, é.

Ovo com abóbora é nutritivo. E a salsicha? Saiu. Bucho saiu por questão de ...

Entrou salada de alface e beterraba.

“Politiza-se” a discussão.

Annes Dias¹ montou material para sugestão de atividades integradoras de todas as disciplinas sobre os cardápios.

Fala-se do Grêmio.

E de alunos representantes que cuidam do patrimônio e que precisam ser legitimados em suas atitudes.

Caso do aluno que chamou a atenção da professora que pôs o pé na cadeira e a professora deu-lhe uma descompostura.

Um dia na turma de progressão

Na sala de professoras/es da escola, a professora Iraci chega até mim e diz: “Hoje você vai ficar na minha sala, né?” Eu confirmo e desço com ela para encontrar as crianças.

¹ Instituto Annes Dias é o órgão da prefeitura do Rio responsável pelo cardápio das merendas de todas as escolas. Nele trabalham fundamentalmente nutricionistas.

Já na sala de aula, uma criança me apresenta à outra: Essa é a Saíra fedorenta. Professora: Eu já disse que o nome dela é Saíra e se você (Moema) continuar a chamá-la assim eu não vou impedir que também chamem você por apelido.

Quando sentei na cadeira, elas voltaram a me apresentar Saíra como Fedorenta. A professora apresenta a turma como progressão com 29 alunos, mas nesse momento só há 18.

Turma predominantemente negra ou mestiça.

Saíra – Tia, eu bem tava com meu namorado ontem na praça. Só tava nós dois. (suspira e sorri)

Maiara – Tia, ela bem tira a roupa lá atrás.

Moema – É, ela fica pelada fazendo safadeza.

Antes, Saíra me mostra seu conjunto de canetas hidrocores e diz que o comprou por um real perto de sua casa.

A professora faz uma preleção, dizendo que estará anotando quem não estiver dando conta de suas tarefas de aula e de casa.

Ela me apresenta à turma e pede que as crianças se apresentem.

Algumas crianças dizem seus nomes ou dos colegas trocados. Outras nada dizem.

Maiara apresenta Saíra como fedorenta e a professora mais uma vez a repreende.

Maiara e Moema ficam ouriçadas com a minha presença. Saíra também.

Maiara tem uma lista com o alfabeto de surdos-mudos e tenta ensinar à Moema. A professora vai de mesa em mesa e lista os cadernos com as tarefas de casa. Quem não fez, ganha uma anotação feita pela professora que aponta para as famílias que a criança não fez. Ela explica que os pais precisam acompanhar seus filhos e saber o que eles estão fazendo.

Moema agarra-se a um bichinho de pelúcia.

Após várias vezes em que a professora chama atenção das 3 meninas, ela faz Moema mudar de lugar. E explica que elas não estão fazendo o que devem e que, portanto, vão ficar separadas.

A pesquisa da Tarefa de Casa era de palavras em jornais ou revistas com as letras nh.

Ela apresenta oralmente seu planejamento e sai para buscar o aparelho de som. Depois de ver os cadernos, ela explica que vai reformular seu planejamento. Vai até o armário e pega jornais velhos (da Tribuna da Prefeitura) e distribui para alguns, para que localizem palavras com nh, e escreve no quadro as palavras que as crianças dizem.

Inhaúma...

...

Moema continua abraçada ao seu bichinho.

A professora põe a música para tocar.

Ela dá muitas broncas e depois ouve.

Recupera com as crianças a letra da música oralmente.

Depois passa a recuperar o texto para pôr no quadro. Vai escrevendo, pedindo a colaboração das crianças, dizendo qual a letra que cabe.

“Ei, você aí, me dá um dinheiro aí”

Antes recupera o nome do CIEP e a data no quadro.

Saíra vai sentar na frente de Maiara, esta acaba passando para frente e sentando ao lado brigando entre elas e tentando chamar a atenção.

Moema ainda fica abraçada ao seu bichinho.

Saíra vem conversar comigo. Pergunta por que troquei de lugar. Explico que eu estava atrapalhando. Ela senta-se ao meu lado e olha meu caderno. Ela se encosta em mim pelas costas. A professora manda que ela desencoste. Ela se afasta e depois sai de perto de mim.

As crianças vão terminando sua cópia e começam a agitar.

Moema – “Esse pretinho...”

“Esse pretinho aí tá dizendo...”

Crianças brigam e implicam umas com as outras todo o tempo.

Algumas crianças levam os cadernos para a professora verificar

A professora chama a atenção dos/as alunos/as todo o tempo.

Duas meninas: uma sentada, outra deita no colo. A primeira tem uma garrafinha com água congelada e sacode a garrafa todo o tempo e tenta beber. Joga pingos d’água no rosto da outra.

Saíra do lado da professora joga seu estojo para o alto e o pega novamente.

Crianças pedem para beber água e ela diz que a hora de beber é 9h.

Propõe que cantem sem o rádio. As crianças cantam e acompanham.

Ela pergunta se cabe beber até cair.

Um menino brinca com suas bolinhas de gude.

Depois, eles cantam junto “com o rádio”.

“A escola está planejando fazer um baile de carnaval”.

Oba!

A professora pede que retirem palavras dissílabas no texto.

Você = vo - - cê

...

9h15 – 19 crianças – 10 meninos e 9 meninas

“Saíra, volta para o seu lugar!”

O menino atrás implica e ela responde a ele. A professora interpreta que é com ela e briga de novo.

Saíra diz que é com o menino.

A professora briga novamente e ela acaba retornando ao lugar. O menino implica novamente e ela diz que ele não é a mãe dela.

A professora interpreta novamente que é com ela e diz “Eu não sou sua mãe, mas por enquanto a professora aqui sou eu e quem manda aqui sou eu”.

Maiara pergunta “E ela?” apontando pra mim. A professora não responde. A menina insiste e novamente não responde.

A professora retoma as atividades no quadro.

Várias crianças não copiam.

Ubirajara começa a dar problemas. Primeiro com as bolas de gude que a professora toma, depois com o lápis sem ponta, depois joga o apontador do colega que emprestou.

Professora lhe tira um dia de aula de Educação Física. Depois lhe tira outro.

Saíra nada copia e ainda deita nas cadeiras.

A professora continua passando tarefas no quadro.

1- Separe as sílabas e diga quantas são:

BEBENDO= _____

VOCÊ= _____

CONFUSÃO= _____

DINHEIRO= _____

2- Retire do texto palavras com:

nh

b

c

g

Há na sala um núcleo feminino tranqüilo.

Professora: “Se você bater, quando baterem em você eu não vou interferir. Vou deixar bater.”

Crianças empobrecidas.

Material escasso. Mochilas menos coloridas.

Muito barulho nesse corredor.

Professoras gritando. Crianças agitadas.

A professora sai para ir ao banheiro.

Crianças comportam-se na sua ausência como na sua presença. Eu apenas olho com meu “olhar 43”, interferindo o mínimo.

A professora retorna trazendo um desenho carnavalesco típico de livro didático, com muitos detalhes, xerocado para pintar. Ela coloca canetas e lápis que diz serem seus sobre uma mesa e vai de mesa em mesa olhando os cadernos e distribuindo folhas apenas para quem terminou.

O núcleo de tranqüilidade começa a dar problemas também.

Comentários das outras crianças.

“A loirinha tá copiando da negona ”

”A neguinha teretê tá perguntando”

Professora – Ela tem nome. A cor negra é uma cor pra gente respeitar.

Há poucas crianças com fenótipo branco, apenas umas 5 ou 6. A lourinha, por exemplo, tem cabelo castanho escuro.

Todos os meninos têm a cabeça raspada, embora de alguns poucos a aparência é de que já cresceu.

Juacema “dá o dedo” para o colega. Professora interfere: “Vou chamar seu pai aqui. Você é uma menina: não fica bem você ficar fazendo isso e nem menino também não tem que estar fazendo isso.”

...

Tem um piolho lá na mesa da Saíra.

Unai vai lá e pega. Mostra pra todo mundo. Mostra para a professora e ela diz: Eu não quero nem ver isso. Mata e joga no lixo.

Unai – Tava na mesa da Saíra! Piolhenta !

Professora – Não é só ela que tem, não! Não é só ela que tem, não!

...

Saíra empurra com o pé por baixo da mesa e acaba derrubando a cadeira.

Ubirajara – “Tá com raiva? Se joga pela janela!”

Se o comportamento de vocês melhorar, na segunda feira eu deixo vocês jogarem. Tem um monte de jogos aqui no armário: dominó...

Ah... Pensei que fosse bola... Jogar aqui não tem graça.

Um dia na turma de 4ª série

4ª série – sala cheia.

4 alunos a transferir.

Uma única lâmpada funcionando. Janelas de vidro cobertas com cartazes – da Revista Nova Escola, da Prefeitura e alguns feitos por crianças – para diminuir a incidência do sol, que atrapalha a visão do quadro.

Dois ventiladores pretos de parede imensos e bons – desligados no momento. Muitos trabalhos das crianças pelas paredes de cor azul claro. Paredes ainda abertas.

Pias ao fundo desativadas. Crianças sobre a pia para copiar.

(Professora) Apresentação minha – Estarei por toda a manhã. Voltarei outros dias.

Explicação sobre o excesso de alunos e a necessidade de remanejamento. Coordenadora Pedagógica vai resolver quem sai. A professora não vai escolher. O carnaval como tema – aquarela do Brasil.

Professora fala e alunos completam ou respondem.

Época – março – fevereiro.

Fantasia de homem e de mulher.

Bate-bola não é para violência.

O carnaval é uma festa que tem muita violência.

Turistas nesta época.

É bom?(professora) Não (alunos)

(professora) É. Por quê? Porque ganha mais dinheiro.

Porque gera emprego que não dura todo o tempo, mas o dinheiro serve para as pessoas usarem em outras coisas para o ano.(fala da professora)

No fundo, crianças em grupo, conversam paralelamente – crianças em mesas individuais ficam atentas e participativas.

Mães chegam trazendo crianças – professora recebe com carinho e festa – “Mariú com casa nova!”

(Menino fala) Prefeitos prometem emprego, mas continua o desemprego.

Menina do grupo convida a colega atrasada a colocar a cadeira e juntar-se ao grupo. Ela lança um olhar e leva a cadeira para um grupo da frente.

Costureiras ganham 160 por semana. Professora aproveita e lança o desafio matemático. Em 4 semanas, quanto dá isso?

Lugares a visitar no Rio – Pão de Açúcar, Corcovado, Cristo, Praias, Piscinão de Ramos.

(Os cadernos das crianças são de preços variados – capas duras e frágeis)

Grupos formados no 1º dia pelas próprias crianças. Se houver problema, vocês são responsáveis e serão trocados.

Há grupos só com meninas ou só com meninos. Um único grupo de 3 meninas e 1 menino (“Garfield”).

Tarefa: escrever 15 palavras sobre o carnaval. Trocar o caderno com os colegas para articular as 5 mais significativas a lápis.

Duas crianças numa só cadeira por opção.

Tempo de português até...

No caderno...

Rio, 09/02/04

Português

Olha o carnaval aí gente!

O carnaval é uma festa folclórica do Brasil

... (Não consigo enxergar o resto)

Nesse momento, a outra professora da 4ª série entra na sala e elas trocam idéias sobre como abordar o carnaval – aspectos históricos, origem do carnaval e de cada escola, ano de criação das escolas servindo para desafios matemáticos. Preços dos ingressos (onde conseguir? – Cláudia! Se ela pensa que vai ficar sentada aqui só observando, a gente dá trabalho pra ela. Você sabe quando foi publicada a tabela de preços? - Eu: Acho que já foram todos vendidos, não? Revista da LIESA pode ajudar com a origem das escolas)

Professora circula pela sala.

“Essa criança aqui, só porque está com esse uniforme maravilhoso... Só mais 5 min..

Um bichinho na mesa mobiliza um grupo. Um piolho que caiu da cabeça de uma das crianças – uma menina mestiça de cabelo castanho claro.

Tia Jurema, vem cá. A menina reclama. Seria diferente se a gente chamasse assim: Tia, aqui um piolho! A própria menina foi chamar a professora e só deram conhecimento a ela sobre o que era quando chegou. Uma outra menina negra garantia o bicho mantendo o dedo sobre.

Tia, aqui!

Professora: De quem saiu?

A menina aponta.

Professora: Olha, aqui do lado tem uma loja que vende um remédio ótimo.

Menina: Na escola?

Professora: Não, do lado.

E aí, gente, parece que nunca viram um piolho! Isso é normal. O ideal é não ter, mas acontece. (A professora trata com naturalidade. Pega papel higiênico e recolhe o bichinho)

Tudo volta ao normal. Crianças continuam todas próximas. Começam a cantar. Outra do outro grupo me pede ajuda – palavras sobre o carnaval. Fazem juntas e se dispersam juntas também.

Placas de banheiro – Pare (vermelho) e Siga (verde) – pendurada na porta. Conflitos iniciais: muitos vão de uma vez e depois acalmam.

Professora continua andando pela sala e orientando.

Crianças sentam na cadeira da professora – única acolchoada – usam a mesa.

“Já vi que só o grupo da fulana está trabalhando”.

“Por que você faltou à aula esses dias todos, hein?”. “Estava sem material”. “Que isso? Fala sério. Tem até um kit pra você! Faltar à aula por isso?”.

Menina do piolho prende o cabelo com rabo de cavalo para baixo – uniforme novo.

“Aí, tia, me ajuda!” – para mim.

Pergunto: O que é que você já colocou?

Sugiro samba e desfile.

Menino: Como chamam aqueles carros?

Eu: Alegóricos. O que mais tem?

Um menino vem me mostrar seu desenho do *Garfield* e diz que já acabou. A menina me pede mais ajuda e ele vai dizendo bateria, passista. Que é passista? É aquele cara... Eu completo: “Que samba no pé.”

Seu Ubirajara vem dar explicações.

Dois meninos dentro das pias. Um de fora. Um pega o outro pela gola e diz: fica aqui, seu viado. Simulam uma briga. Professora manda parar e dispersa.

...

Professora fala de sua dificuldade em gritar – problema de garganta no ano anterior.

Senhor Ubirajara vai cuidar da luz depois que sairmos.

Professora: vocês encontraram muitas palavras diferentes no caderno das colegas e muitas iguais, mais iguais que diferentes.

Há palavras que não serão específicas do carnaval e outras que serão bem específicas.

Paz, por exemplo, é algo que a gente deseja o ano inteiro e no carnaval também. Então a gente vai botar paz? Não, né? Porque não é específica.

Máscaras

Sambódromo

Carros Alegóricos

Samba

Fantasia

Carnaval

Festa Folclórica

Brilho

Alegria

Violência

Bateria

Onde é o sambódromo? Fica ali perto do juizado de menores.

Tem as pessoas que vestem o bate-bola, tem as pessoas que bebem, tem os assaltos aos turistas. Um outro tipo de violência do carnaval é a violência no trânsito, por quê? As pessoas bebem e vão dirigir.

Amanda abre o guarda-chuva.

Professora: “Com esse gesto, você está tentando mostrar que sabe dançar frevo?”

O carnaval acontece da mesma forma no Brasil inteiro? Na Bahia tem o Axé, trio elétrico.

Tem só samba? Não.

Se eu disser assim: o carnaval no Brasil acontece de formas diferentes em todo o país. Eu estou correta?

Está!

Por que nós somos um povo igual ao japonês? Não.

Os japoneses são todos muito parecidos.

Nós não, né? Nós vimos no ano passado que quando os portugueses chegaram aqui, já havia outros povos aqui.

Vamos tentar lembrar que países influenciaram nossa cultura? (as crianças sabem o que significa?)

Portugueses, franceses, índios, africanos e, mais tarde, os imigrantes.

Temos negros de cabelo crespo, negros de cabelo liso, negros de olhos claros, brancos de cabelos crespos. Nós somos uma verdadeira salada mista.

Essa mistura de raças e grupos é que fez com que o Brasil se tornasse esse país que é hoje.

Ano em que o carnaval chegou ao Brasil: em 1723.

É claro que o carnaval desta época não é mais o carnaval que temos hoje?

Esta data – quantos séculos tem aqui, hein?

Há quantos séculos o carnaval é comemorado no Brasil, há quantos séculos a gente tem o carnaval acontecendo no Brasil?

Nós temos 2 séculos em 1923.

Professora: Dois séculos e alguma coisa.

Aproveita e pede: Calculem esse alguma coisa! Façam o cálculo no caderno.

O Iraputã tá dizendo 2 séculos e meio. E 2 séculos e meio são quantos anos? 50.

A menina disse que fez de outro modo.

$$1723 + 200 = 1923 - 50 = 1973$$

O fulano disse que pegou o ano em que nós estamos e fez uma subtração

2004 -1723 = 0281

(Estimativa e alternativas diversas)

Quantos anos tem uma década? Fulano vai fazer uma década em março. A maioria aqui faz uma década esse ano. Eu já tenho 4 décadas.

Agora, peguem o caderno de texto. A gente combinou que o caderno dado pela escola seria o de texto. Quem tem o caderno meia pauta, usa o meia pauta.

Vocês vão pegar esse caderno e vão escrever um texto sobre o que vocês pensam do carnaval. O que gostam de fazer. Se ficam na cidade... Eu, por exemplo, gosto de assistir pela TV. Pode ilustrar? (pergunta retórica). Deve!

Um menino: A gente vai ter que inventar um texto sobre o carnaval? Ah! (Saiu sambando). Outra também samba. Uma maior chega e pega a outra pela base da cabeça e suspende.

Professora chega e diz que esse grupo terá de ser repensando amanhã, por conta da conversa. “Principalmente, a senhora.”

Pede o caderno de texto. “Tia!”. “Não tem tia nenhuma aqui” (professora).

...

Vou botar “o carnaval”.

Outra “O carnaval”.

(Estojo Barbie – caderno Piu-Piu)

(Estojo Piu-Piu – estojo Snoopy – caderno Snoopy).

Sentar na pia é bom.

(Finalmente, a professora senta um pouco. Pede a um menino para perguntar algo à professora da outra turma)

MUDEI DE LUGAR NA SALA

Amanhã, todos estarão recebendo a lista com os nomes de todos os colegas e datas de aniversário. Quem quiser, pode dar o telefone para avisar um ao outro que vai faltar. Telefone não é para perturbar o outro.

“Para quem está com dúvida no tema, olha o que a Jaciaba escreveu: “Eu gostaria que meu carnaval fosse ...”

Palmas para ela.

Olhem o detalhe do arco! Da mesma cor do uniforme que ela vai usar.

Nessa época do ano, o horário do aluno fica confuso. Nosso almoço hoje está às 11h e às 11h15 temos que subir. Se dermos conta de tudo até as 11h, podemos ter uma recreação lá embaixo de 11h15 a 11h30.

Professora volta a circular pela sala lendo os textos e sugerindo alterações, revisões.

(Ambiente absolutamente distenso – crianças circulam livremente, conversam livremente. Professora tenta trazer a atenção para o trabalho sem se incomodar com o resto.)

Crianças escrevem, desenham, conversam, andam pela sala.

Uma menina bem grande se põe de pé e escreve com o caderno apoiado na porta.

Professora lembra código de correção:

– sublinhar algo errado

&- letra maiúscula

*- mudar a palavra

“Os alunos que já foram meus no ano passado conhecem, para os outros vou xerocar.”

Textos entregues ontem para revisão.

Circulando, um menino mostra uma calculadora diferente. Professora destaca-a:

“A partir de hoje, nossas aulas de matemática serão com essa calculadora.”

Várias crianças levantam-se para ver. Uma diz: “celebridade”. Professora pede para guardar. Dispersam-se e voltam aos seus lugares.

Alguns meninos continuam sobre as pias.

Crianças com chaveiro da coca-cola no fecho do estojo sem marca.

Outra régua da Barbie.

De repente, sou rodeada de meninas curiosas sobre o meu caderno. O que estou escrevendo?

Mostro meu desenho da sala. Dizem que é para eu escrever que elas são estudantes.

“Você gosta de criança? Você podia ser nossa professora. A gente gosta muito da professora Jurema, mas às vezes ela fica estressada.”

Respondo: “Ah! Mas tem que ficar, né?”

Começo a escrever na presença delas. Elas lêem e comentam que escrevo muito rápido. A curiosidade cessa e elas retornam aos seus lugares.

Professora: “Itagi durante as férias andou treinando bastante! O garrancho é o mesmo, mas vejam como o texto está legal!” “(...). Mangueira é substantivo próprio, com letra maiúscula, tá?”

Ocorre um “ah, ah, ah” que logo cessa.

“Vou olhar outros grupos para ver como estão.”

Garrafinhas com água – Gatorade e outros.

Batuque na mesa – meninos. Outros se juntam.

Uma menina mostra seu texto para mim. Ela o lê com dificuldades. Falta noção de parágrafo, troca v por f, c por g:

bale – baile desfrila – desfilar comico – comigo

Professora volta a sua mesa. Crianças ficam no seu entorno.

Outro menino (Garfield) vem me mostrar seu texto e ilustração.

No quadro:

Matemática

1 – Crie situações-problemas usando os dados (as informações) abaixo.

A – 5 ingressos – arquibancadas – R\$ 105,00.

João tinha 56 reais e queria comprar 5 ingressos para o desfile.

Ouve outros e comenta vários:

“João comprou 5 ingressos para arquibancada do desfile das escolas de samba.

Ele gastou R\$105,00. Quanto custou cada ingresso?”

A tarefa de casa será ver a TV e ...

Outra menina vem me mostrar seu texto. “Legal, né?”

Eu digo: legal! Deixa eu ler. Texto tem lacunas e palavra ilegíveis. Peço para ela ler um trecho e ela percebe que omitiu uma palavra importante. Volta ao seu lugar.

Meninas – muitas usam arco ou fita no cabelo, muitas com brincos coloridos. Outras não usam adereços. Uma tem um relógio digital no pulso e mais nada. Várias usam sandálias plásticas. A maioria (meninos e meninas) usa calça ou bermuda jeans.

Professora continua revendo atividades com os alunos em sua mesa. Ela lê com eles os problemas criados e discute se são ou não problemas de fato com elas/es, problematiza os problemas.

“São 10 para 11h! Aqueles cujos cadernos eu já olhei, vão, por favor, educadamente descendo para me esperar na fila do almoço.”

Situação mais que comum – 2 crianças sentadas na mesma cadeira.

“Pra não atrasar o almoço, deixem os cadernos sobre a mesa que nós vamos voltar.”

Na descida das rampas, o encontro com outras turmas que descem em fila. A professora tenta garantir algum controle, como não atropelar a outra turma, mas seu controle é limitado. Meninos pulam a parede da rampa. Quando ela vê, faz voltar. Mas não vê sempre. Uma colega desce com sua turma dando as mãos a menina e menino primeiro de suas respectivas filas. Sua expressão facial mostra descontentamento.

As professoras que passam por mim me cumprimentam.

Jurema segue com sua turma até o refeitório e ajuda na distribuição das bananas. Há arroz, feijão e frango.

Crianças vão terminando de comer e se dirigem ao pátio. Começam a me perguntar se é pra subir ou podem brincar. Jurema foi até a Coordenação Pedagógica ver “seu contingente”.

Acabo decidindo subir atrás dela para saber o que dizer. Ela me diz que é para deixar brincar que ela já vai descer para pegá-los.

No refeitório, uma menina tem uma garrafa de guaraná Tobi. Ela distribui às colegas que sentam-se com ela – há copos descartáveis. Ela bebe no gargalo.

A professora Jurema desce e o grupo logo se reúne em sua volta.

(A mesma professora que descia em fila com sua turma, agora sobe do mesmo modo. Um aluno toma a frente ao passar pelo portão. Ela o segura pelo braço e grita “Tá me vendo aqui?!”)

Na subida, Jurema chama a atenção do grupo para o fato de que há turmas em aula e pede silêncio e respeito aos colegas, mas o grupo novamente não sobe em fila.

Eu vou atrás e começo a lançar meus olhares de que não estou gostando para os mais desafiadores.

Já na sala, ela pede que os alunos que constavam nas listas da 402 ou 3 à tarde que a partir de amanhã venham pela manhã, mas na turma da professora Jacumã.

Algumas crianças guardam seu material, outras concluem suas tarefas. A professora, à sua mesa, rodeada de crianças revê as atividades com uma a uma.

No grupo em que havia apenas um menino, ela se retira após arrumar seu material.

A professora toma a frente e faz comentários gerais sobre os problemas criados. Ela salienta que a maioria foi com multiplicação e soma e pergunta como usar uma operação diferente. Uma menina faz e dá o caderno. Ela lê e resolve com as crianças no quadro a conta de dividir.

Qual é a tarefa de casa mesmo?

Ver a TV sobre carnaval.

O RJ TV escolhe diariamente uma escola de samba e faz reportagens o dia todo sobre ela.

Dispensa o grupo que produziu bem.

Bolinha de papel na lata do lixo. Alguns meninos catam e fazem “bola ao cesto”.

“Minhas assistentes, vou precisar de ajuda para arrumar este armário, hein!?”.

“Eu ajudo!”

“Jaciera apaga o quadro pra mim?” – mochila – procurando Nemo (tudo combina - laranja)

Professora: Rapazes formando educadamente; meninas também; cadeiras arrumadas.

Um dia na turma de período inicial do ciclo

Professora lara

Ceguei às 8h12min

A professora e a turma concluíam uma cantoria. Em seguida, ela informou à turma que hoje as mãozinhas iam doer de tanto escrever.

A maioria das crianças é de negros/as.

No quadro, já havia escrito:

Agenda:

- *caderno*

- *folhinha 1*

- *folhinha 2*

- *ditado*

Sentei-me novamente no grupo mais distante do quadro, próximo à janela.

Nele, havia Juruema, que eu havia conhecido na sexta-feira e um menino Kaloré, que não é da turma. Está na sala, segundo me disse, porque sua “tia faltou”.

Ambos são negros, mas Kaloré destoava da turma por estar muito sujo. Sua camiseta do novo modelo estava sobre uma outra mais grossa, ambas muito sujas.

A professora me explica que ele é do terceiro ano, mas que não conhece as letras ou números e que é o único de sua turma que se adapta a esta por ser muito infantil.

Ela escreve no quadro, aos poucos, para que todos acompanhem.

Antes de escrever o texto a ser lido, ela retoma conversa do dia anterior sobre os medos a partir de texto de Ruth Rocha.

Ela tenta puxar o assunto “coragem” e pergunta o que eles/as têm coragem de fazer.

Alguém diz: “coragem de fazer carinho no cachorro” e a partir daí o assunto passa a ser “cachorros”.

Ela se curva ao tema e passa a propor um texto elaborado pela turma coletivamente sobre cachorros.

A escrita do pequeno texto é um trabalho coletivo não só nas idéias, mas no emprego de letras representativas de fonemas e sílabas.

As frases são de fato ditas pelos/as alunos/as.

A professora se retira para levar uma aluna na “tia Jacobina”².

Enquanto ela sai, há um princípio de agitação, que eu consigo parar só com um “Oi-oi!”

No quadro:

Rio de Janeiro, 27 de outubro de 2004.

Nome:

Leia

Tipos de cachorro

O meu cachorro é chato porque ele late a noite toda.

Já o meu é legal porque ele corre e pula em mim e me lambe.

A aluna Jandira quer sair lá da frente para sentar com uma colega sentada do meio para trás. A professora não permite, alega que cada um tem o seu lugar e que ela (Jandira) tem problema de visão. Esse argumento parece convencer a menina, ainda que ela não goste e não queira sair da outra mesa.

Ela volta a fazer este movimento mais vezes. Na sexta-feira, a professora me falou que ela é muito agitada, mas aprende e que mora em um barraco à beira de um rio de esgoto. Ela é um dos casos que desafiam sua compreensão. Ela aprende, apesar de tudo.

Enquanto a professora está fora com a aluna que é o seu desafio máximo, porque entrou mais tarde e ainda “escreve apenas bolinha”, um menino (Kerexu) mostra alguma coisa num livro e diz que é a colega (Juçara). “Aqui você.” Eu me levanto e vou até lá ver o desenho. É simples: um diabo conversando com outra pessoa.

Não consegui entender o porquê daquilo.

Airão, dos mais agitados, tem seu lugar na sala mudado (de novo, segundo a professora).

A professora retorna com a menina e mais uma professora. Há um clima bom entre as três. A outra professora senta no fundo com a menina e lê um livro para ela.

A professora Lara vai chamando um por vez em sua mesa para colar o auto-ditado.

Dou uma saída para telefonar e ir ao banheiro.

Na volta, vejo que ela está sobrecarregada tentando olhar e corrigir a cópia do quadro e, ao mesmo tempo colar a folhinha 1 (auto ditado). Me ofereço para ajudar a colar a folhinha e ela agradece de imediato. Eu passo a ir inclusive nas mesas colar as folhinhas. Depois, ajudo algumas crianças a copiarem do quadro, enquanto ela vai, agora também de mesa em mesa, apoiar alguns alunos na escrita das palavras do auto-ditado.

Às 10h, parada para o almoço.

No retorno, o livro com desenhos volta a fazer sucesso. Desta vez, a questão é de outra natureza. Há uma charge com pessoas desenhadas nuas. A professora vê e interfere com um sorriso.

“Sabem por que eles estão pelados?”

Vamos ler: ‘Tenho saudades do tempo em que éramos descamisados.’ Quer dizer, antigamente os pobres eram chamados de descamisados, mas hoje em dia eles não têm mais nenhuma roupa”.

Ela fica um pouco mais com o grupo e lê outras coisas no livro, mas não consegue acabar com o frisson...

Há alguma coisa nomeando partes do corpo e ela lembra que eles próprios já fizeram coletivamente um corpo humano com todas as suas partes nomeadas.

“Isso não é mistério pra gente”.

A turma não é mais a mesma após o almoço. Ficam bem mais agitadas/os!

A tarefa retomada é o auto-ditado. Ela vai de mesa em mesa corrigindo e reorientando.

Ajudo Juruema com seu auto-ditado.

Jandira mudou de grupo novamente. Acho que tem a ver com o uso de canetas hidrocores de uma das meninas desse grupo. Ela é muito espevitada. Fala que isso ou aquilo é ridículo.

Os grupos, mesmo os de conversa, incluem diferentes etnias e gêneros.

A professora tenta recuperar a calma para o ditado e, as crianças vão retornando aos seus lugares e à calma, mas Jandira desconsidera. A professora pega ela e as coisas dela e coloca de volta no lugar. A menina resiste e a tensão se instala entre as duas.

Depois de ficar no chão um tempo, Jandira aproveita a distração da professora e volta para o grupinho que queria. A professora faz todo o movimento de volta. Dessa vez, é um pouco mais doce com a menina e ela acaba ficando no lugar.

² Professora da Classe especial. A menina Japira está sendo avaliada.

A outra crise que se instala é pela falta de lápis do Amanari. Seu lápis sumiu e ele não sabe onde está.

A professora explica que não tem mais lápis.

Cartaz afixado na parede, estampa as *Regras da turma 1107*

1. *serem amigos*
2. *respeitar um ao outro*
3. *prestar atenção na explicação*
4. *brincar com amizade*
5. *não brigar e não xingar*
6. *cuidar da escola*
7. *cuidar do material*
8. *respeitar a professora*

Um dia na turma de 2º ano do ciclo

Quarta – 2º ano do ciclo

Professora Iracema

Fui recepcionada e apresentei-me.

O assunto abordado era o horário de verão que começou de segunda para terça. As crianças pareciam bastante atentas e creio que minha chegada acabou desviando as atenções. Um aluno chegou logo em seguida de mim.

Um menino perguntou porque os pingüins não podiam viver aqui.

Ela me explicou que falando de rotação e translação, o assunto pólos, apareceu. A professora explicou à turma que é próprio do organismo do pingüim não sobreviver no calor, tal como o do peixe não sobreviver fora da água.

Após se dispor a novas perguntas, ela pediu que retomassem as tarefas que havia por corrigir.

Deu uma saída rapidíssima para buscar papel higiênico para a sala e o diário de classe.

A turma parece bastante tranqüila.

Nesse momento, há apenas 19 crianças presentes.

Aluno/a – (orienta a que cada um/a copie do modo como lhe convém)

Há um cabeçalho que inclui uma data e o nome do/a aluno/a. Pula uma linha e vem o exercício.

Descrição da sala – janelas, ou melhor, vidraças voltadas para a quadra com visão do conjunto habitacional. A iluminação é precária. Várias lâmpadas não funcionam ou não existem. Mesas em 3 fileiras com 2 alunos por coluna.

Na vidraça, há dois varais com desenhos de um ratinho mimeografados e pintados os números de 1 a 10.

Não identifico nenhuma criança como branca nessa turma.

Coloque no diminutivo:

dedo

amigo

dente

laço

porta

Coloque no aumentativo:

carro

peixe

pé

nariz

sapato

anel

livro

A professora chama 2 crianças para participar de um joguinho de letras (loto-leitura), mas uma menina se recusa a ir. Ela chama outra que topa. Ela ajuda Juruena e Kiari.

Uma menina sem uniforme me faz várias perguntas sobre mim.

Enquanto isso, a professora dirige-se a outros alunos.

Ela solta o grupinho do jogo e volta a transitar pela sala e dar orientações individuais e, depois, gerais.

A professora chega perto de mim e diz que eu ali é muito ruim.

Pergunto por que e ela repete “É muito ruim”.

A tal aluna que tudo pergunta a mim e sobre mim (e não usa uniforme) vai até a professora e pede uns bancos para eu deitar porque estou com sono. A professora explica que estou grávida e, por isso, sinto muito sono, mas que estou a trabalhar e não posso dormir.

Percebo que está na hora de fazer alguma coisa para não dormir.

Me aproximo das crianças com o joguinho e fico atuando diretamente com o menino Kiari.

Ele só parece perceber as vogais nas sílabas, por isso o trabalho com o “jogo” é inglório.

Um cartaz anuncia o resultado de uma simulação eleitoral realizada na sala (na turma?)

Crivella 3 votos.

César Maia 0

Conde 12

Jandira 3

Bittar 0

Nilo 0

Otacílio 0

Total de votantes 18

Não registraram o Kaloré Corrêa

Quando a professora reúne novamente a turma para explicar que iremos para o vídeo e, por isso, fizemos poucas atividades, um menino dirige-se à colega e informa que seu nariz está escorrendo. A professora dá a ela o papel higiênico. (A professora me explica que alguns pais reclamam quando vão poucos exercícios)

Nisso, surge um conflito: sumiu um real de um menino. A professora explica que não é para trazer dinheiro para a escola, pois não há o que fazer com ele aqui, não há o que comprar. Se quiser lanche diferente do almoço que a escola oferece tem de ser comprado fora da escola.

Ela diz que ninguém sai da sala enquanto o dinheiro não aparecer. O menino Caiubi, com ajuda de colegas, procura melhor em suas coisas, mas não acha.